

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

LIVIA DELUNARDO DA SILVA GONÇALVES

**FUTEBOL FEMININO E MASCULINO: UMA ANÁLISE DAS
ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS DO PORTAL UOL DURANTE AS
OLIMPÍADAS RIO 2016**

VOLTA REDONDA

2019

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**FUTEBOL FEMININO E MASCULINO: UMA ANÁLISE DAS
ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS DO PORTAL UOL DURANTE AS
OLIMPÍADAS RIO 2016**

Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do UniFOA como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluna:

Livia Delunardo da Silva Gonçalves

Orientador:

Professora Mestra Rebeca Baltazar Chaves

Coorientadora: Doutora Cláudia Maria Gil

**VOLTA REDONDA
2019**



Fundação Oswaldo Aranha



FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado FUTEBOL FEMININO E MASCULINO: UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS DO PORTAL UOL DURANTE AS OLIMPÍADAS RIO 2016 elaborado por Livia Delunardo da Silva Gonçalves apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Jornalismo.

Aprovado em 21 de outubro de 2019.

Banca Avaliadora:

Rebeca Baltazar

Professora Orientadora
Rebeca Baltazar Chaves, Mestre – UniFOA

Douglas Baltazar Gonçalves

Professor Avaliador
Douglas Baltazar Gonçalves, Doutorando – UniFOA

Eduardo Jorge Nascimento Oliveira

Professor Avaliador
Eduardo Jorge Nascimento Oliveira, Doutor – UniFOA

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha avó e amigos por todo suporte emocional e afetivo que eles me deram ao longo dos anos e aos meus professores que tiveram dedicação e paciência pelos ensinamentos passados em classe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por nunca me desamparar. A minha avó por ser a minha base familiar, ao professor reitor Carlos José Pacheco por sempre acreditar em mim e a professora Rebeca Baltazar que não desistiu de mim nenhum momento. E aos meus amigos pela compreensão e suporte durante a nossa jornada.

“Lembre-se de que cada dia que você deixa de treinar, ou de se dedicar aos treinamentos significa um dia mais distantes da realização de seus sonhos.” Bernardo Rezende

Sumário

1. Introdução	10
2. Jornalismo Esportivo e a Paixão Nacional	13
2.1. Aspectos Históricos	13
2.2. Futebol no Brasil	17
2.3. Futebol feminino no Brasil	23
3. Webjornalismo	26
3.1. História da Internet	26
3.2. Migrações dos veículos de comunicação para o ambiente digital	28
3.3. Os três estágios do webjornalismo	28
3.4 Características do webjornalismo	30
4. Análise	32
4.1 Os Jogos Olímpicos e a cobertura online	32
4.2 Títulos	34
4.3 Modalizadores	36
4.4 Análise	42
5. Considerações finais	48
6. Referências	50

RESUMO

Os Jogos Olímpicos são o maior evento esportivo do mundo. Sua edição do ano de 2016 foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, e como de costume mobilizou centenas de atletas e também imprensa esportiva. Notícias das mais de quarenta modalidades que fazem parte da competição são frequentes e devido as características do *webjornalismo* é possível observar uma quantidade bastante significativa de conteúdo produzido neste segmento, uma vez que a internet proporciona um ambiente sem barreiras definidas quanto ao espaço físico disponível para a veiculação de notícias. Mediante este contexto, esta pesquisa selecionou momentos semelhantes das seleções de futebol feminina e masculina do Brasil, para verificar de que modo ambas foram tratadas pelo portal de notícias UOL. Questiona-se se existe um tratamento distinto por parte da imprensa no que tange as seleções, por questões de gênero, que estão relacionadas historicamente a uma prática esportiva feminina desvalorizada. Para isso, foram analisados os modalizadores argumentativos utilizados nos títulos de notícias que demonstraram, de fato, uma supervalorização da seleção masculina.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo; futebol; modalizadores argumentativos

ABSTRACT

The Olympic Games are the largest sporting event in the world. Its 2016 edition was held in the city of Rio de Janeiro, Brazil, and as usual mobilized hundreds of athletes and also sports press. News from the more than forty sports that are part of the competition is frequent and due to the characteristics of webjournalism it is possible to observe a very significant amount of content produced in this segment, since the internet provides an environment without definite barriers regarding the physical space available for the competition. news serving. In this context, this research selected similar moments of the women's and men's soccer teams in Brazil, to verify how both were treated by the UOL news portal. It is questioned whether there is a distinct treatment by the press regarding gender-related selections that are historically related to a devalued female sports practice. For that, we analyzed the argumentative modalizers used in news headlines that demonstrated, in fact, an overvaluation of male selection.

Keywords: Sports journalism; soccer; argumentative modalizers

1.INTRODUÇÃO

Apesar do jornalismo existir desde o século XIX, foi apenas durante o século seguinte que a editoria esportiva ganhou seu espaço através de modalidades como: turfe, ciclismo e caça. Há algumas divergências a respeito da primeira edição de jornalismo esportivo no mundo. Alguns autores destacam o jornal inglês *Bell's Life* que depois passou a ser conhecido com *Sporting Life* e outros apontam para *Sporting Life* ou *Sportman* - fato é que a editoria esportiva deu seus primeiros passos na Inglaterra.

Já no Brasil, o jornal esportivo precursor foi o *Fanfulla*, em São Paulo, na década de 1990. Sua origem era italiana e apenas em 1941 que passou a ser publicado completamente em português. Na época, a sociedade brasileira não possuía o hábito de incentivar a prática esportiva e o futebol ganhou espaço e se transformou em paixão nacional de maneira gradativa.

O futebol feminino e masculino surgiram e ganharam espaço no Brasil em momentos distintos. O masculino iniciou no final do século XIX por meio dos ingleses. Daquela época aos dias de hoje, a categoria passou do amadorismo ao profissionalismo, conquistando cinco Copas do Mundo.

Para as mulheres jogar futebol já foi sinônimo de ir para a delegacia. Legislações da década de 1940 impediam que as mulheres praticassem qualquer esporte e somente na década de 1980 a prática foi liberada. Embora exista pouca literatura neste sentido, estima-se que o "São Paulo F.C." e o "América F.C" foram os primeiros clubes a incentivarem a prática futebolística feminina.

Não só o futebol contou com um início dificultoso para as mulheres. Dantas (2016) lembra que a prática esportiva desde sua origem era exclusiva dos homens e às mulheres eram atribuídas imagens relacionadas à delicadeza dos corpos femininos. Esta situação gerou um enfraquecimento do esporte feminino nos mais diversos níveis de competição. A esta escassez atribui-se também o desinteresse do público, inclusive feminino nas notícias relacionadas ao mundo esportivo. É sabido que ainda hoje os homens acompanham muito mais as notícias esportivas do que as mulheres.

O meio esportivo tem enfrentado desafios a fim de fixar e demarcar ações que caracterizaram por muito tempo o impedimento da participação feminina em modalidades esportivas (JAEGER, 2006). As práticas se tornaram subdivididas entre as atividades corporais que utilizavam a força, velocidade e resistência para as modalidades masculinas e para as mulheres as habilidades requisitas era a flexibilidade, leveza e suavidade nos gestos, para poder manter a feminilidade.

Atualmente, grandes portais de notícias contam com o recurso da internet para promoverem suas notícias. Cabe ressaltar que o webjornalismo possui características que colaboram para a divulgação de diversos temas que poderiam não ganhar espaço nas edições online ou televisivas dos jornais, por exemplo, em razão de um espaço limitado que estes veículos inevitavelmente possuem.

Aborda-se nesta pesquisa, portanto, de que modo o webjornalismo colabora para uma cobertura extensiva de eventos esportivos e também quais as estratégias argumentativas foram utilizadas para tratarem das seleções feminina e masculina do Brasil durante as Olimpíadas Rio 2016.

Questiona-se se existe divergência no tratamento destas seleções, mediante a hipótese de que a seleção masculina possui uma valorização maior do que a feminina. Para verificar tal situação foram selecionados momentos semelhantes vividos por ambas equipes durante os Jogos Olímpicos, sendo elas mais precisamente: vitórias, goleadas, empates e lesões – com intuito de verificar quais recursos linguísticos foram utilizados como estratégias argumentativas e quais interpretações podem ser realizadas por meio destes. Buscou-se também verificar de que modo as características do webjornalismo foram utilizadas durante a cobertura realizada pelo portal de notícias UOL das Olimpíadas Rio 2016. Este veículo foi selecionado para a pesquisa por ser um dos maiores portais de notícia do país e ter dedicado uma sessão exclusiva para os Jogos.

Para tanto, o primeiro capítulo deste trabalho aborda questões relacionadas ao jornalismo esportivo, uma breve abordagem histórica e acerca da construção do futebol como paixão nacional, bem como características da prática profissional.

O segundo capítulo explica sobre as características do webjornalismo, categorizando-o e descrevendo suas potencialidades. A partir disso é possível

perceber de que modo o fazer jornalístico passou por alterações oriundas de novos processos de produção das notícias.

Por fim, o terceiro e último capítulo apresenta a função do título de uma notícia e quais as estratégias argumentativas podem ser utilizadas para gerarem um sentido da fala entre o locutor e o receptor de um discurso. Dentre eles, estão: os modalizadores, os verbos *discendi* e os operadores argumentativos. Este referencial teórico é a base para a análise dos títulos selecionados como corpus desta pesquisa também presente neste capítulo.

2.0 JORNALISMO ESPORTIVO E A PAIXÃO NACIONAL

2.1 Aspectos históricos

O jornalismo esportivo teve seu início durante o século XX, época em que os esportes destacados eram: turfe¹, caça, ciclismo, boxe e natação. Mais tarde os jornais da Europa começaram a se especializarem e ocorreu a popularização do futebol - seja ela atribuída às confederações e até mesmo a profissionalização da modalidade (DANTAS, 2015).

A literatura utilizada para esta pesquisa diverge quanto ao início do jornalismo esportivo no mundo. A primeira orientação baseada em Leandro (2005, p. 66) é de que a publicação *Bell's Life* passou a ser chamada de *Sporting Life*, em 1838, e foi a precursora do Jornalismo Esportivo, considerando que “seu surgimento ocorreu após o fortalecimento de clubes e federações na era moderna no esporte mundial, caracterizada pela organização em instituições”. Já na pesquisa de Gurgel (2009) o jornal inglês *Sportman* foi o primeiro no mundo a abordar a temática esportiva. Andújar (2013) aponta que o *Sporting Life* foi o primeiro jornal a ser criado, porém anos mais tarde se fundiu com o *Sportman* e a partir de 1883 a periodicidade era diária. Em comum entre toda essa controvérsia é que a origem do Jornalismo Esportivo remete à Inglaterra, pois todos estes jornais supracitados tiveram sua origem neste país.

Já na França, o jornal *Le Sport*, tinha como objetivo escrever crônicas sobre alguns esportes mais comentados da época, como caça e equitação. Sua linguagem se apropriava das crônicas esportivas. Segundo Dantas (2015, p.14)

Os jornais da Europa tiveram um incentivo na cobertura de esportes, além do hipismo e do boxe, quando o Barão de Coubertin reorganizou os Jogos Olímpicos em 1896, na Grécia. Antes disso, os esportes que tinham mais destaque eram, além dos boxes inglês e francês, a esgrima e o iatismo.

A imprensa francesa propôs uma conscientização e sugeriu uma reflexão acerca da importância do esporte para a saúde e formação da cidadania da população. Segundo Andújar (2013) os Jogos Olímpicos em 1896, traziam a ideia de festivais esportivos para fomentar a paz mundial. Pode-se perceber que o esporte atendeu a demanda de um grande público e a partir daí algumas modalidades se tornaram espetáculos, com auxílio dos veículos de comunicação.

¹ Corrida de cavalos.

Naquela época, aconteceu a espetacularização do esporte que tem se perpetuado até os dias atuais. Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1983, p.2) a população tende a aceitar o 'esporte moderno' e seus agrupamentos esportivos, como um tipo de fenômeno social:

Isto é sobre as condições sociais que tornam possível a constituição do sistema de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos, desde os agrupamentos "esportivos", públicos ou privados, que têm como função assegurar a representação e a defesa dos interesses dos praticantes de um esporte determinado e, ao mesmo tempo, elaborar e aplicar as normas que regem estas práticas, até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte (professores, instrutores, treinadores, médicos especialistas, jornalistas esportivos, etc.) e produtores e vendedores de espetáculos esportivos e de bens associados (malhas, fotos dos campeões ou loterias esportivas, por exemplo).

No Brasil, grande parte dos jornais que circulavam tinha como temática a saúde e atividades físicas, como foi a revista 'O Atleta' em 1856, segundo o autor Juarez Bahia (1990) onde era abordado sobre preparo físico dos atletas amadores do Rio de Janeiro. O início dessa editoria segundo Coelho (2003) ocorreram questionamentos se havia possibilidades de popularizar as modalidades nas manchetes dos jornais, na época, seja com o remo, esporte popular naquele período.

Mas foi no século XX que surgiu o jornal *Fanfulla*, em São Paulo. O *Fanfulla* teve grande influência na criação do time paulista Palestra Itália, que hoje é conhecido com Palmeiras. Este jornal é um dos mais importantes da cultura italiana, que acabou tendo suas publicações expandidas para as terras brasileiras na época em que o Brasil possuía grande colônia principalmente na região Sul. Segundo Malatian (2015, p.197), o jornal:

Passou por diversas modificações de periodicidade, número de páginas e orientação política, sempre com ampla recepção, que lhe garantiu tiragem diária de 15 mil exemplares em 1910. A rápida difusão e a ampliação do público leitor são atestadas por sua estratégia de propaganda, pois, apesar de seus artigos serem publicados em italiano, circulavam também no periódico anúncios comerciais em português, nas suas oito páginas em grande formato.

Apesar de começar a circular com literatura italiana, em 31 de agosto de 1941, que passou a ser publicado completamente em português. Seus leitores acompanhavam os resultados dos jogos de clubes italianos, porém ainda não havia a característica de jornalismo esportivo como atualmente é reconhecido.

O acervo do jornal *Fanfulla* é até hoje a maior fonte de consulta de arquivos do time do Palmeiras, onde se pode encontrar fichas dos jogos e histórias de times amadores da região paulista.

No início desta editoria no Brasil, durante o século XX, autores literários como Graciliano Ramos, não acreditavam que o futebol poderia se tornar uma paixão nacional, tendo em vista que o esporte popular da época era o remo. O próprio autor, por exemplo, “via no futebol uma importância desnecessária de valores estranhos à pauta e combatiam ludopédio²” (LEANDRO, 2005, p.67).

Segundo Coelho (2003, p.7), poucos jornalistas acreditavam que o futebol teria como estampar as manchetes dos jornais e “até mesmo o remo, o esporte, mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas do jornal”.

Apesar de já possuírem registros frequentes, a sociedade brasileira não possuía o hábito de incentivar a prática esportiva. Entretanto, na então capital do Brasil, Rio de Janeiro, na década de 1910, existiu um impulsionamento do espaço futebolístico na cultura brasileira com jogos de grandes times da época que ganharam pouco a pouco seu espaço e tornaram o futebol uma paixão nacional. Tal contexto serviu de subsídio para o surgimento de novos jornais esportivos, como o *Jornal dos Sports* e *A Gazeta Esportiva*.

Em 1931, o *Jornal dos Sports* nasceu no Rio de Janeiro. A rigor, foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país. O primeiro a lutar ferozmente contra a realidade que tomou conta de todos os diários esportivos a partir daí. A *Gazeta Esportiva* nasceu em 1928, mas como um suplemento do jornal *A Gazeta*, só se tornando um diário esportivo em 1947 (COELHO, 2003, p.9)

O jornal *A Gazeta* teve grande importância na história do jornalismo, mas sua maior contribuição ocorreu a partir de 24 de dezembro de 1928, quando passou a produzir um suplemento esportivo veiculado semanalmente, que dez anos depois passou a ser conhecida como *Gazeta Esportiva*, e passou a ser veiculada três vezes por semana. Na mesma época, com direção do italiano Tomáz Mazzoni, o periódico obteve características de jornal paulista e se consolidou no jornalismo brasileiro, com qualidades que são utilizadas ainda na atualidade (STYCER, 2009).

² Designação antiga de ‘futebol’.

Uma característica de Mazzoni era o diálogo com o torcedor, seja eles através das notícias ou promoções. Stycer (2009, p.70) *apud* Dantas (2015, p.21) explica sobre as mudanças feitas pelo jornalista italiano que:

Entendeu que a paixão é um dos elementos fundamentais do futebol, facilitando a identificação do leitor com o jornal, e modificou o tratamento aos nomes de jogadores, antes chamados de “senhores” com nome e sobrenome, ao colocar nomes em diminutivo ou apelidos. O jornal A Gazeta deixou de circular em 25 de agosto de 1979, devido a uma crise financeira, tornando-se suplemento de A Gazeta Esportiva. Em 1999 deixou de ser publicado e dois anos depois parou de circular, mantendo-se apenas com um site na internet.

Enquanto Mazzoni implementava um novo jornalismo esportivo em São Paulo, Mário Filho com o *Jornal dos Sports* atuava no mesmo sentido no Rio de Janeiro. O jornal carioca surgiu em 1931, fundado pelos jornalistas Álvaro Nascimento e Argemiro Bulcão. Para Coelho *in* Dantas (2015), este jornal foi o primeiro dedicado aos esportes no Brasil, era reconhecido pelas suas páginas rosas.

Segundo Konder (2004) o *Jornal dos Sports* foi adquirido pelos jornalistas Mário Filho e Roberto Marinho. Em 1949, criou-se uma campanha para construir o Estádio Municipal Maracanã, que teve o nome alterado em 16 de julho de 1966 para Estádio Jornalista Mário Filho, no ano de sua morte.

Em muitas literaturas aponta que Mário Filho foi autor de clássicos, como o termo “FlaxFlu²” que se dirige aos times cariocas rivais Flamengo e Fluminense. Esta rivalidade se originou em 1925, quando existia a Seleção Carioca que era composta pelos melhores jogadores dos times carioca para os amistosos e competições para o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais. A comissão convocou atletas apenas dos times citados anteriormente, gerando uma repercussão negativa diante do público que esperava a participação de atletas oriundos de outros times. Com isso, Mário Filho nomeou este clássico com a intenção de reverter esta opinião.

Anos mais tarde ocorreu a criação da “Liga Esportiva Eixo Rio-São Paulo”, dando os primeiros passos da profissionalização, tendo como intuito que os jornais pudessem registrar dados das partidas e fomentarem a rivalidade entre os estados. Sendo assim, o jornal carioca *Correio da Manhã*, ajudou na organização a fim de promover o nome do jornal e popularizar o esporte para com a sociedade. Apesar de terem fundado esta competição, isto originou a rivalidade entre os jornais cariocas e

paulistas, com o argumento de que os jornais do estado de São Paulo torciam para os times da cidade, ou seja os times paulistas.

Entre as décadas de 1950 e 1960 diversas revistas e jornais esportivos surgiram. O jornalista João Saldanha, por exemplo, despontou no meio jornalístico, lançando a revista *Placar*, inteiramente dedicada ao futebol, no final dos anos de 1960 (COELHO 2003).

Em 1997 o diário *Lance!* surgiu nas bancas, se tornando o jornal mais vendido do país e viu seus concorrentes *A Gazeta Esportiva* e *Jornal dos Sports* perderem espaço no mercado (STYCER in Dantas, 2015).

2.2 Futebol no Brasil

Este tópico abordará a modalidade esportiva futebol e sua construção como uma paixão nacional. Cabe destacar que a principal bibliografia utilizada para elaboração desta temática será a obra “O futebol explica o Brasil”, do autor Marcos Guterman. A obra de 2009 estabelece uma pesquisa extensa acerca do tema e colabora com a construção do pensamento estabelecido nela, tendo em vista que existe uma carência de pesquisas acadêmicas e literatura específica sobre o que aqui pretende ser pontuado.

Segundo o autor De Oliveira (2012), a sociedade não tinha emprego a todos os negros libertos na época, sendo assim o futebol surgiu para que houvesse como um ganho financeiro “contribui para disseminar o estilo brasileiro de se jogar futebol, o que também passou a ser conhecido mundialmente como futebol arte”. Segundo Murad *apud* De Oliveira:

Por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Os brancos, no máximo eram expulsos de campo. Esta redução de espaço dentro das “quatro linhas”, subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais habilidade, evitando físico e reinventando os espaços (Murad, 1994 p. 188).

Segundo Guterman (2009, p. 52) entre os anos 1920 e 1930, a modalidade começou a se profissionalizar e as empresas passaram a patrocinar clubes de futebol, como foi o caso do *The Bangu Athletic Club* “que despontou no cenário como o primeiro time a ter traços profissionais fora da elite do futebol”.

Na época, devido à ausência de alguns jogadores para comporem os times, os operários das fábricas eram convidados a participarem das equipes e quando aceitavam podiam usufruir de alguns 'privilégios' como jornadas de trabalho mais leves para não gastarem energias que deveriam ser dedicadas aos jogos. Evidente que posteriormente foi necessário profissionalizar a atuação, mesmo com críticas de quem defendiam a manutenção do amadorismo no esporte.

O futebol fazia parte de clubes elitistas – o que refletia desde seus integrantes aos atletas e técnicos – mas o time carioca Vasco da Gama quebrou-se este paradigma, tendo em sua presidência Cândido José de Araújo, um negro, um técnico uruguaio Ramón Platero, que exigia de seus atletas uma quantidade significativa de treinos. Em 1922, o clube participou da primeira divisão de um campeonato local, tendo em seu elenco predominantemente negros e operários, algo incomum para a época.

A década de 1930 foi marcante e dentre os momentos que cabem aqui serem destacados estão: a criação da Copa do Mundo e chegada de Getúlio Vargas no poder executivo brasileiro.

O Comitê Olímpico Internacional (COI) tinha divergências sobre a participação do futebol nos Jogos Olímpicos. Por isso, em 1928, a FIFA criou a Copa do Mundo – seu próprio campeonato mundial - que contou com a participação das seguintes seleções: Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Chile, Estados Unidos, França, Iugoslávia, México, Paraguai, Peru, Romênia e Uruguai, sendo que este último venceu esta edição.

Segundo Guterman (2009) apesar dos avanços feitos para a profissionalização do futebol, tanto com os atletas quanto para a federação, a modalidade ainda beirava ao amadorismo.

Esse amadorismo, como já vimos, agonizava. A Copa era o maior sintoma de que as coisas estavam mudando drasticamente. O Uruguai construíra um gigantesco estádio para o torneio, o Centenário, com capacidade inacreditável de 100 mil pessoas, que Jules Rimet chamou de “templo do futebol” e que dava a dimensão global deste esporte. Mesmo que o vencedor da Copa tenha sido o próprio Uruguai, como era de esperar, a sensação era que alguma fronteira histórica havia sido superada. (GUTERMAN, 2009, p.64)

Passou a ser considerado que as seleções deveriam ser compostas pelos melhores em atividade no país, sejam eles brancos ou negros, ricos ou pobres. Na

Copa de 1928 o Brasil foi eliminado na primeira fase e alguns estudiosos explicam que a eliminação precoce se deu devido as rivalidades perpetuadas entre paulistas e cariocas.

Diante disso, a Confederação Brasileira de Desporto (CBD), resolveu solucionar a rivalidade entre os clubes cariocas e paulistas convocando os melhores dos dois estados, conforme cita Guterman (2009, 65). Porém a Associação Paulista de Esporte Atlético (APEA) discordava, pois a comissão técnica da Seleção Brasileira na época era composta por cariocas, sendo assim “A APEA vetou a participação dos atletas paulistas na competição”.

Durante a Copa de 1934 ocorreu uma ruptura polêmica, onde a federação carioca e paulista em comum acordo decidiram levar apenas atletas amadores. Isso devido ao boicote de atletas - entre seus clubes em relação à seleção. O Palestra Itália chegou a esconder atletas em uma fazenda para que a confederação desportiva não encontrasse, e funcionou.

Na reta final antes da Copa, a CBD, ainda ofereceu dinheiro para jogadores recalcitrantes que aceitassem viajar, num paradoxo explícito – afinal a mesma entidade que agora admitia recompensar os atletas era aquela que impedia a profissionalização do futebol. Foi um fracasso (GUTERMAN, 2009. p.66).

A seleção brasileira chegou para a competição em cima da hora sem tempo de treinamento e adaptação. Com a teimosia e a desorganização tática, o Brasil foi eliminado de forma precoce, perdendo para a seleção da Espanha por 3 a 1. Segundo crônicas da época, o time se arrastava diante de mais de 20 mil torcedores. Apesar do resultado, os brasileiros puderam mostrar seus talentos individuais, tendo como consequência a oportunidade de atuar no exterior, onde o futebol era remunerado, como por exemplo na Europa e na Argentina. Porém, alguns atletas paulistas fizeram uma breve manifestação exigindo seus direitos:

Evitar terminantemente que os clubes tratem os jogadores como mercadorias, porquanto clubes há que, se receberem pedidos de ‘passe’, pedem indenizações exorbitantes, à revelia do próprio jogador, que se torna, desse modo, uma espécie de objeto que se vende no mercado (GUTERMAN, 2009. p.66).

O livro de Marcos Guterman possui um capítulo dedicado à política do Brasil, intitulado “Getúlio e o futebol como instrumento político” em que explica as mudanças que ocorriam no âmbito futebolístico que também refletiam na política da época. Mas enquanto o país passava por reformulações política, nas categorias de base do clube carioca Botafogo, surgia um jogador com nome peculiar, que era o

Garrincha. O então técnico Newton Cardoso, que treinava a base do time alvinegro, convidou Garrincha para integrar o time adulto, que na época era conhecido como time profissional. Tendo pernas tortas como suas principais características, havia dúvidas sobre o talento que ele tinha com a bola.

Os relatos encontrados por Castro *in* Guterman (2009, p.115) sobre o primeiro dia jogando com o time profissional do Botafogo eram de que

Dessa vez ele teria a chance de começar jogando entre os reservas. Na primeira bola que recebeu, foi encarado por ninguém mais que Nilton Santos, um dos maiores laterais esquerdos da história. O resultado foi um duelo digno de dois gigantes do futebol de todos os tempos – e Garrincha, que não tinha nada com isso, até passou a bola por entre as pernas de Nilton Santos. “O garoto é um monstro”, disse o lateral ao técnico Gentil Cardoso. “Acho bom vocês o contratarem. É melhor ele conosco do que contra nós”.

Após este treino, Garrincha viveu em ascensão. Em 1954, apareceu entre os 40 convocados na Copa e apesar de não ter figurado entre os 22 nomes que embarcariam para a disputa, começou a ficar em evidência. Em 1955 ele estreava com a seleção brasileira no Maracanã, já consagrado pela torcida carioca.

No ano seguinte, surgia um novo fenômeno que fazia dupla com Garrincha, no time do Santos, o jogador era conhecido por Pelé. Foi autor de um dos gols na vitória santista diante do Corinthians durante o campeonato paulista. Porém, a oportunidade de ser titular no time surgiu em 1956, quando o meia santista Vasconcelos quebrou a perna durante uma partida. E assim a história do futebol brasileiro ficou conhecida por antes de Pelé e depois de Pelé.

O apelido ‘rei do futebol’ surgiu em 1958, quando Nelson Rodrigues *in* Guterman, fala:

[Pelé] anda em campo com uma dessas autoridades irresistíveis e fatais. Dir-se-ia um rei, não se Lear, se imperador Jones, se etíope. Racionalmente perfeito, do seu peito parecem pender mantos invisíveis. Em suma: ponha-se em qualquer rancho e sua majestade dinástica há de ofuscar toda a corte em derredor.

E Nelson continuou:

O que nós chamamos de realeza é, acima de tudo, um estado de alma. E Pelé leva sobre os demais jogadores uma vantagem considerável: a de se sentir rei, da cabeça aos pés. Quando ele apanha a bola e dribla um adversário, é como enxota, quem escorraça um plebeu ignaro e piolhento. [...] Quero crer que a sua maior virtude é, justamente, a imodéstia absoluta. Põe-se por cima de tudo e de todos. E acaba intimidando a própria bola, que vem aos pés com uma lambida docibilidade de cadelinha.

Apesar das novidades compostas na seleção brasileira, Garrincha e Pelé, o Brasil não obtinha confiança, fazendo com que a torcida não se animasse com os singelos feitos, como a vitória de 2 a 0 sobre a Argentina na final da Copa Roca. Os torcedores desenvolveram um ‘complexo de vira-lata’ como foi citado por Nelson Rodrigues *in* Guterman (2009, p. 119 -121), em um clássico texto publicado na revista *Manchete Esportiva*:

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: “O Brasil não vai nem se classificar!”. E aqui, eu pergunto: não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor de cotovelo nos ficou dos 2x1. E custa crer que em escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer “extraiu” de nós o título como se fosse um dente. E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvidas: é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E aguardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: se o Brasil vence na Suécia, e volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: o escrete brasileiro tem, realmente, a possibilidade concretas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive sex-fabulosos húngaros, que apunharam, aqui, do aspirante-enxertado Flamengo. Pois bem: não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha, e por vezes, invalida nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-lata”. Estou a imaginar o espanto do leitos: “o que vem a ser isso?”. Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que os brasileiros se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louros e sardentos, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-lata fossemos.

Eu vos digo: o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele

precisará de dez para segurar, como chinês da anedota. Insisto: para o escrete, ser ou não vira-lata, eis a questão.

Apesar da fragilidade psicológica da seleção, a organização brasileira de futebol trazia dois personagens importantes para a época, são eles: João Havelange e Paulo Machado de Carvalho.

Segundo Guterman (2009), João Havelange pôs em prática sua experiência em gestão adquirida enquanto era diretor na empresa de ônibus Cometa. Na comissão para a Copa de 1958 ele escolheu desde roupeiros até o treinador e acrescentou dois administradores, preparador físico, psicólogo e massagista. Pela primeira vez os atletas passariam por um *check-up*, incluindo os dentes. Durante os exames foram identificados casos de anemia e verminoses nos atletas. A parte mais polêmica foi o teste psicológico realizado entre os jogadores através do trabalho realizado por João Carvalhaes:

Carvalhaes concluiu que a maioria dos atletas da seleção não estavam aptos para jogar a Copa. Pelé, com apenas 17 anos, era “obviamente infantil”, anotou Carvalhaes. “Falta-lhe o espírito necessário de luta. É jovem, demais para sentir as agressões e reagir com a força adequada. Além disso, não tem o senso de responsabilidade necessário ao espírito da equipe”. Garrincha, por sua vez, teve sua inteligência avaliada como “abaixo da média”. Segundo Carvalhaes, o endiabrado jogador não tinha agressividade – e isso, numa seleção cuja preocupação era enfrentar adversários do presente e fantasmas do passado, não era desprezível. Para sorte da equipe, as sugestões de Carvalhaes foram ignoradas (GUTERMAN, 2009, p.123).

Meses antes da Copa a seleção sabia onde se hospedaria e qual o cardápio de sua estadia - algo incomum na época – sendo que tal planejamento foi realizado por Paulo Machado de Carvalho.

Apesar de todo o planejamento estratégico, a confiança na seleção brasileira foi abalada após o sorteio de grupos, onde caíram em um dos grupos mais complicados, compostos por: Inglaterra, União Soviética e Áustria. Uma das mais temidas era a União Soviética, devido às propagandas veiculadas durante a Guerra Fria. (GUTERMAN, 2009).

A seleção brasileira, apesar da desconfiança, conseguiu chegar à final contra a Suécia. A primeira final após a derrota de virada pelo Uruguai em casa, vencendo assim a sua primeira Copa do Mundo. Nelson Rodrigues, após a crônica em que falava que brasileiro possuía um “complexo de vira-lata”, escreveu após o título:

O brasileiro mudou até fisicamente. Lembro-me de que, ao acabar o jogo Brasil x Suécia, eu vi uma crioulinha. Era a típica favelada. Mas o triunfo brasileiro a transfigurou. Ela andava pela calçada com um charme de Joana d'Arc. E, assim, os criouloes plásticos, lustrosos, ornamentais pareciam fabulosos príncipes etíopes. Sim, depois de 1958, o brasileiro deixou de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações. (Guterman, 2009, p. 130)

A vitória coroou os anos dourados do governo de Juscelino Kubistchek: o Brasil estava crescendo, dando dinâmica e sua vida urbana e industrial. A partir desta época pode-se dizer que o futebol estava consolidado na cultura brasileira. As crônicas de Mário Filho e Nelson Rodrigues trouxeram uma nova literatura para a divulgação da modalidade e os brasileiros passaram a se apropriar da seleção de futebol.

Atualmente o Brasil é detentor de cinco títulos mundiais 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002, nove títulos da Copa América 1919, 1922, 1949, 1989, 1997, 1999, 2004, 2007 e 2019, cinco títulos da Copa das Confederações, 1997, 2005, 2009 e 2013 uma medalha de ouro olímpica conquistada em 2016 nos Jogos do Rio de Janeiro.

O futebol faz parte da cultura do povo brasileiro e do mundo. Segundo dados da FIFA divulgados em 2006, o público mundial chegou a 32 bilhões de telespectadores. Com o crescimento da popularidade do futebol nas últimas décadas e “visando condições mínimas de acessibilidade, proteção e garantias aos torcedores esportivos” Boschilia; Vlastuin; Marchi Jr (2008, p.66) criou-se o Estatuto de Defesa do Torcedor, a fim de mostrar que os jogos se tornaram espetáculos esportivos exploradas pelas empresas de forma comercial através de produtos comercializados.

Apesar de sua dinâmica não ser alterada, a modalidade sofre manutenções, como a redução de regras no campo, por exemplo. Essas alterações são feitas através de comum benefício com as mídias, transformando o produto, que é o futebol, atrativo para os meios de comunicação e para o telespectador.

2.3 As mulheres no futebol

Traça-se aqui de forma paralela ao histórico do futebol, de que modo as mulheres jogadoras de futebol ingressaram neste contexto. A literatura utilizada baseou-se em artigos científicos encontrados na *Internet*, principalmente por meio do “Google Acadêmico”. Cabe destacar que não foram encontrados muitos materiais

acerca da temática e por isso uma seleção precisou ser realizada em trechos afins de artigos que debatiam temas transversais a este. Contudo, esta experiência pôde evidenciar a escassez do debate e como o tema ainda é pouco explorado cientificamente.

O primeiro jogo de futebol feminino oficial ocorreu em Londres, em 1899, entre Inglaterra e Escócia. Já no Brasil, o assunto é controvertido e possui algumas versões distintas que perpassam desde jogos beneficentes a competições organizadas por boates gays.

Segundo José Sebastião Witter in Franzini (2005, p.317)

No Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo. Cercado de preconceitos, o esporte não chegou a se firmar entre as mulheres, mas a partir de 1981 formaram-se várias equipes femininas profissionais em clubes como São Paulo, Guarani, América e outros

Em 1940, surgiu uma edição de revista de Educação Física na qual foi publicada as *'senhoritas'* realizando uma partida de futebol no Rio de Janeiro que “constituiu um espetáculo de grande sucesso, causando assim sensação em nosso mundo desportivo”. O jornal paulistano “Folha da Manhã” reconheceu cerca de 10 times femininos que exerciam a prática de forma regularizada na época. Em um ano, já existiam 200 clubes femininos, com cerca de 2.200 atletas, embora os grandes clubes da época não tivessem infraestruturas para as mulheres (FRANZINI, 2005, p.319). Aqui não há de se remeter a clubes como: Flamengo, Fluminense, Botafogo ou Vasco.

Constituídos nos subúrbios cariocas, o “Eva F. C.”, o “E. C. Brasileiro”, o “Cassino Realengo” e o “Benfica F. C.” estavam muito longe, em todos os sentidos, dos grandes e tradicionais clubes da cidade. As diferenças estruturais entre eles eram tão grandes que, para formar seu quadro de jogadoras, o “Primavera F. C.” fez publicar num matutino o seguinte anúncio: “*Moças de 15 a 25 anos, que queiram ingressar no football, com consentimento dos seus maiores, queiram apresentar-se à rua Silva Gomes, 131, em Cascadura, das 17 em diante*” (FRANZINI, 2005, p.319)

Em 1941 a prática do esporte feminino foi proibida pelo General Newton Cavalcanti, onde impossibilitou a participação das mulheres no esporte. O Conselho Nacional de Desportos sancionou em 1965 que mulheres não podiam exercer esportes de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia,

pólo aquático, rúgbi, halterofilismo e baseball. Somente em 1981 esta determinação foi revogada. Segundo Goellner (2005, p.), estas leis reforçavam a cultura da época:

Mesmo não sendo homogêneo o pensamento dessa, época, estes documentos oficiais expressam representações sobre o esporte naquele contexto cultural. Reforçavam, também, concepções normatizadas de feminilidade, em geral, associadas à maternidade e à beleza feminina e para, quais as, esportes considerados como violentos deveriam passar ao largo das experiências de sociabilização das meninas e moças.

Segundo Salles, Silva e Costa (1996), o início da modalidade foi documentado em 1976. Encontra-se poucas referências sobre a modalidade, onde destaca-se a passagem sobre a pioneira do futebol a pioneira, em 1950, onde foi encontrada os confrontos paulistanos entre “São Paulo F.C” e “América F.C”, de forma preliminar, lançou o futebol feminino, onde limitou-se ao jogo único, afirma o autor.

Segundo dados disponibilizados pela FIFA neste ano de 2019, o Brasil possui cerca de quinze mil atletas registradas em campeonatos, seja amadores ou profissionais, na base há apenas 475 atletas com menos de 18 anos registradas e apenas mil trezentos e sessenta e oito mulheres com licença para ser técnica.

Atualmente, a mídia mais atuante na cobertura da modalidade feminina no Brasil é a rede Bandeirantes, tendo em vista que a modalidade masculina possui seus direitos disputados por várias emissoras. Sendo assim, a Bandeirantes preencheu seus espaços com o futebol feminino e deu mais visibilidade às atletas.

A seleção brasileira feminina, em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, começou a ganhar repercussão e foi um momento emblemático quando as brasileiras conquistaram o quarto lugar no maior evento esportivo do planeta. Após esta conquista a seleção já conquistou as medalhas de ouro nos Jogos Pan-Americanos de 2003, em Santo Domingo, na República Dominicana, e também subiram ao pódio nos anos seguintes, em 2007 e 2015. Em 2004 e 2008 conquistaram medalhas de prata nos Jogos Olímpicos.

3 WEBJORNALISMO

3.1 Aspectos históricos da internet

No governo do presidente norte-americano Dwight David "Ike" Eisenhower em 1957 foi criada a Arpanet - *Advanced Research Projects Agency* que fazia parte do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, chefiado pelo psicólogo e especialista em computadores, Joseph Licklider. A Arpanet foi precursora para o que chamamos hoje de *internet*. Sua função era transmitir dados militares entre os departamentos de defesa norte-americanos. Para isso, ela utilizava uma rede até então complexa de dados.

Sob o comando de Licklider foi criado o IPTO - *Information Processing Techniques Office*, seguindo a orientação de elaborar uma comunicação integrada entre os setores militares, construindo assim uma rede *NET*. O IPTO fazia parte da Arpanet. A equipe era composta por acadêmicos e cientistas da computação e tinha como objetivo desenvolver pesquisas no país. Segundo Reges (2011), a extensão tecnológica feita através da *internet* tinha como objetivo descentralizar e flexibilizar futuros ataques nucleares.

Para montar uma rede interativa de computadores, o IPTO valeu-se de uma tecnologia revolucionária de transmissão de telecomunicações, a comutação por pacote, desenvolvida independentemente por Paul Baran na Rand Corporation (um centro de pesquisa californiano que frequentemente trabalhava para o Pentágono) e por Donald Davies no *British National Physical Laboratory*." (CASTELLS, 2003, p.14)

Entre as décadas de 1970 e 1990, durante a Guerra Fria, a Arpanet deixou de ser utilizada apenas sobre o poder militar, se tornando ARPA-INTERNET, e passou a ter como finalidade "mobilizar recursos de pesquisa, particularmente no mundo universitário, a fim de alcançar a superioridade tecnológica militar em relação a União Soviética" (CASTELLS, 2007, p.13).

Em 1975, a Arpanet foi transferida para a *Defense Communication Agency* (DCA), fazendo com que o computador pudesse disponibilizar seus benefícios para diferentes ramos da força militar, criando assim várias redes sob o seu controle. Nos anos de 1980 este departamento começou a comercializar a tecnologia da internet para uma empresa americana, fazendo com que fosse incluído TCP/IP, que é um protocolo utilizado para obter controle de transmissão entre os computadores, que a partir de então, poderiam passar a se conectar através de uma rede.

Após a privatização da *internet* foi desenvolvido o *World Wide Web*, “www”, pelo programador Tim Berners-Lee através do programa *Enquire*³, em 1980. Surge o início da internet como conhecemos hoje

Segundo Reges (2003, p.12-13), a evolução da internet obteve ajuda dos *hackers* através da plataforma UNIX, onde o sistema operacional⁴ desenvolvido foi liberado para o uso das universidades em 1974, sendo utilizado como suporte os multiusuários, multitarefas e portabilidade. Sendo assim, os estudantes conseguiram estabelecer uma comunicação entre os computadores podendo manter livre acesso às informações de *softwares*. As tentativas de inserção dos *softwares* obtiveram sucesso com o estudante Linus Torvalds, em 1991, quando desenvolveu e disponibilizou de forma gratuita o sistema operacional Linux, para que outros *hackers* pudessem aperfeiçoar e desenvolver a *internet* em conjunto. Segundo Castells (2007,p.17):

O resultado dessa iniciativa foi o desenvolvimento de um robusto sistema operacional Linux, constantemente aperfeiçoado pelo trabalho de milhares de hackers ⁵e milhões de usuários, a tal ponto que o Linux é agora geralmente considerado um dos sistemas operacionais mais avançados do mundo, em particular para a computação baseada na internet.

A *internet* foi privatizada e se tornou uma arquitetura aberta que fomentou a troca de dados e informações e facilitou a comunicação, permitindo “a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo” (CASTELLS, 2007, p.19). Sintetizando, a internet que teve sua origem em ambiente militar por meio de cientistas norte-americanos em meados dos anos de 1960, passou a se popularizar e ficar mais acessível ao público de modo geral em meados da década de 1990.

Neste período uma mudança passou a ocorrer no que tange as empresas e por consequência os meios de comunicação. A internet se tornou uma ferramenta distinta dos meios tradicionais de comunicação, como a televisão e rádio. Segundo Pinho (2003, p.55-56), na *internet* os sites possuem as mesmas oportunidade de

³ 'Enquire' era um sistema de conexões laterais, não-hierárquicas entre ramificações arbitrárias.

⁴ O sistema operacional Unix possuía um conceito de dar suporte de forma multitarefas, multiusuário e portabilidade.

⁵ Na perspectiva de Castells, a produção dos sistemas tecnológicos é estruturada culturalmente, assim, a cultura dos construtores da Internet teria moldado seu desenvolvimento. O sociólogo considera que a cultura da Internet se caracteriza por uma estrutura em quatro camadas: a tecnomeritocrática (dos cientistas), a dos hackers, a comunitária virtual e a empresarial Castells, 2003, pp. 34-35).

atingir audiência de forma *online*. Sendo assim, os profissionais utilizavam a *internet* afim de redigir ou editar textos e deixar disponível em seus bancos de dados no site, conforme será demonstrado no tópico a seguir.

3.2 Migrações dos veículos de comunicação para o ambiente digital

Em 1995, o grupo “O Estado de São Paulo” foi o primeiro jornal impresso a migrar para o meio *online*. Mas segundo Pinho (2003, p. 114) apesar de ter sido este o primeiro a migrar para o *online*, foi o Jornal Brasil que produziu uma cobertura totalmente virtual, sendo seguida por “O Estado de S. Paulo”, “Folha de São Paulo”, “O Globo” e entre outros veículos. Segundo Manta *in* Pinho (2003), o jornalismo digital revolucionou os modelos de produção e distribuição de notícias que passaram a ser atualizadas por textos, vídeos e fotos em uma velocidade acelerada.

A internet passou a ser um ambiente de baixo custo para criação de *sites* e isso gerou um aumento significativo na quantidade deles. Junto a isso, observa-se uma demanda social por cobertura de notícias e também uma segmentação de público. Com isso, os sites de notícias possuem estruturas de grandes redações possibilitando maiores alcances e produtividade de uma pequena equipe, segundo os autores Da da Rosa e Bronosky (2017, p.22).

Nota-se que as mídias começaram a criar e distribuir conteúdo jornalísticos, através do *gatekeeper*, tendo como controle sobre o ambiente analógico e online, observando o “fluxo informativo em situações aceitáveis de compreensão e relevância”, JUNIOR (2009, p.96).

3.3. Os três estágios do *webjornalismo*

O *webjornalismo* surge da necessidade do jornalismo de se adequar as novas possibilidades trazidas pelo ambiente digital na divulgação de notícias. O *webjornalismo* possui três estágios: o transpositivo, perceptivo e hipermidiático.

Em seu primeiro estágio, transpositivo, o jornalista transcrevia as notícias que eram veiculadas nos jornais impressos para o *site* do jornal. Não eram feitas grandes modificações e as atualizações aconteciam no ritmo de uma redação, no caso de 24 horas nos jornais diários, como uma tentativa de entrar no ciberespaço

(REGES, 2010, p.15). Nesta primeira geração, havia dúvidas de como o público das mídias tradicionais reagiria as mídias digitais e o tempo real ainda não era uma realidade.

Uma outra forma de se trabalhar no estágio transpositivo foi por meio da publicidade inserida nas páginas da web. Com intuito de atrair assinantes, seja para os jornais ou revistas, algumas notícias eram publicadas somente em partes e ao final da página com a seguinte frase: “Leia a matéria na íntegra na edição impressa do jornal”. Esta estratégia funcionou em um curto prazo, os usuários *online* não obtinham a informação completa, obrigando-os assim a comprarem os jornais.

Dreves *in* Reges (2010) apontam que houve uma reformulação para que o jornalismo no ambiente online criasse suas próprias características, devido a sua produção informativa. Com isso, em 1995 as redações começam a inserir jornalistas que se dedicavam a *internet*, explorando ferramentas e produção de conteúdos exclusivos para esta mídia. A partir daí surge o segundo estágio, conhecido como perceptivo.

Nesta fase, os *sites* se ocupavam com o reaproveitamento dos textos. Embora o texto ainda fosse uma cópia da versão impressa, os *links* passam a ser utilizados e o *e-mail* se torna uma possibilidade de comunicação entre a redação do jornal e seus leitores. Os leitores podiam interagir entre si por meio de fóruns de debates. As empresas precursoras neste segmento eram as que já possuíam mais credibilidade no jornalismo impresso e aproveitaram-se desta imagem para terem repercussão no ambiente digital (MIELNICZUCK, 2001).

Reges (2010, p.35) complementa que a partir do momento em que essas empresas notaram as potencialidades proporcionadas por este cenário, elas “partem para o lançamento de produtos exclusivos para a *internet*”. Algumas até, sem vínculo com empresas de mídia tradicionais.

Já o terceiro estágio é conhecido como hipermidiático. Nele são lançados conteúdos exclusivamente para *internet*, podendo ter uma interação significativa com o seu público leitor. Surge assim uma nova era, onde os portais utilizam novos recursos, como: multimídia, interatividade, personalização, memória e hipertextualidade – conhecidos como características do webjornalismo, que serão conceituados a seguir.

3.4 Características do *webjornalismo*

A multimídia, também conhecida como convergência, é a integração entre diferentes formatos e linguagens dos meios de comunicação na web. Ou seja, é possível disponibilizar vídeos, textos e fotos para compor uma mesma matéria. Segundo Beatriz Becker (2009, p.100), “as tecnologias intervêm nas rotinas produtivas do jornalismo gerando novo formato de notícia através da multimídia”. Uma das características notadas pela autora é as narrativas no ciberespaço onde são exploradas pelas novas tecnologias, como a velocidade de suas produções, armazenamento, distribuição e consumo de informações televisuais.

Outra característica é a da hipertextualidade, em que o leitor “navega” priorizando os *links* que desejar. Através desta perspectiva o jornalismo tem sido marcado pela síntese, clareza e objetividade encontrada no seu texto (SODRÉ, 2009, p.208). Sendo assim, facilita o leitor a ter um melhor entendimento através de uma organização digital das notícias, permitindo o acesso a diferentes tipos de conteúdo e dados na *web*, sendo uma prática conhecida como a leitura não-linear, segundo Canavillas (2001). Estes textos exigem uma estrutura onde o jornalismo faz com que exista a interação com o seu leitor, utilizando textos multimídia, onde cria-se um esquema mental, para facilitar a compreensão do leitor.

A interatividade permite que os leitores interajam com a notícia através dos comentários ou e-mails, por exemplo. Segundo Mielniczuk (2004, p. 11-12), a interatividade pode ser vislumbrada em duas possibilidades, em que explora a hipertextualidade e o multi-sequencial da matéria jornalística e a segunda possibilidade é o surgimento de novos gêneros jornalísticos através da integração com o público leitor, como *lives* com entrevistados, com perguntas feitas pelos internautas.

Já a instantaneidade está relacionada à velocidade e atualização frequente dos portais de notícias. Segundo Bastos (2012, p. 292) “no ciberjornalismo, em que o *deadline* é contínuo e, a instantaneidade acaba por ser hipervalorada, sobrepondo-se, por vezes, a outros critérios fundamentais para a qualidade da notícia”. A instantaneidade no *webjornalismo* se dá pela difusão do material jornalístico, “nestes casos, o texto vai sendo construído e difundido ao mesmo

tempo. Para cada intervenção ao vivo, o repórter constrói uma espécie de ‘unidade narrativa’ (MIELNICZUK, 2002, p.7).

A internet também possui um grande espaço de arquivamento, e por isso essa característica ficou conhecida como memória. Segundo Palacios (2002, p;7):

A Memória no Jornalismo na Web pode ser recuperada tanto pelo Produtor da informação, quanto pelo Utente, através de arquivos online providos com motores de busca (search engines) que permitem múltiplos cruzamentos de palavras-chaves e datas (indexação). Sem limitações de espaço, numa situação de extrema rapidez de acesso e alimentação (Instantaneidade e Interactividade) e de grande flexibilidade combinatória (Hipertextualidade), o Jornalismo tem na Web a sua primeira forma de Memória Múltipla, Instantânea e Cumulativa.

Diante desta exposição, é possível perceber que a prática jornalística precisou se adequar ao novo ambiente fomentado pela internet e passou a utilizar frequentemente os recursos disponibilizados por esta plataforma com a finalidade de promover uma até então nova experiência para o seu leitor/usuário.

4 ANÁLISE

Este capítulo é destinado a contextualizar brevemente o evento esportivo escolhido para esta pesquisa – os Jogos Olímpicos Rio 2016 – e pontuar de que modo as características do *webjornalismo* foram utilizadas pela cobertura midiática do Portal UOL Notícias. Além disso, será feita uma explanação sobre como o título da notícia é capaz de chamar atenção do leitor e de que modo os modalizadores argumentativos são utilizados a fim de gerarem posicionamentos. A análise destes títulos será realizada para verificação da hipótese de que existe divergência no tratamento das notícias relacionadas a seleção feminina e masculina.

4.1 Os Jogos Olímpicos e a cobertura online

Os Jogos Olímpicos de 2016 foram realizados na cidade do Rio de Janeiro entre os dias 5 de agosto e 21 de agosto. As Olimpíadas são o maior evento esportivo do mundo e atualmente contempla cerca de quarenta e duas modalidades esportivas, entre os gêneros femininos e masculino. O Brasil recebeu mais de 10 mil atletas de 206 países diferentes para este evento.

O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) recebeu credenciamento de mais de 25 mil jornalistas⁶, de emissoras nacionais e internacionais. Os Jogos Olímpicos sempre mobilizam diversos jornais de todos os tipos de veículos, por ser um evento longo e com muitos jogos simultâneos. Diante desse contexto, a cobertura realizada para os portais online de notícias é de certa forma beneficiada pelas características do *webjornalismo* que já foram caracterizadas nesta pesquisa. Afinal, a característica da memória colabora para a possibilidade da produção e veiculação de um fluxo intenso de conteúdo que não possui a necessidade de ficar retido a certo espaço físico. Outra característica marcante é da multimídia – que é visivelmente percebido pelo modo como fotografias e vídeos são corriqueiramente utilizados como forma de ilustrar as notícias. Por fim, o hipertexto é capaz de ligar todos acontecimentos – pré-jogo, resultado, tabelas, lesões, dentre outros.

⁶ Os jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em números
<https://epocanegocios.globo.com/Olimpiada/noticia/2016/08/os-jogos-olimpicos-do-rio-de-janeiro-em-numeros.html> Acesso em 30 de Outubro de 2019

O portal selecionado para a análise deste trabalho é o UOL Esportes e durante a seleção do material, foi possível perceber que diversas notícias ao invés de exibirem o texto nos moldes jornalísticos, utilizavam somente fotografias ou vídeos com breves legendas, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1: Notícia da seleção feminina



Fonte: Portal UOL Notícias

Dentre as modalidades olímpicas está o futebol - que no Brasil é tido como uma paixão nacional. No exterior o Brasil é conhecido como o “País do Futebol”, mas apesar desta aclamação, a modalidade feminina ainda é desvalorizada, o que pode ser comprovado pela pouca procura do público nos jogos, pouca repercussão na mídia e pouco investimento nas atletas, diferentemente do masculino que com frequência tem uma torcida que apoia, possui apoio de marketing e rende conteúdo para os programas esportivos.

Sendo assim, para esta pesquisa, decidiu-se utilizar como recorte as Olimpíadas - momento em que as seleções feminina e masculina jogam simultaneamente em busca de um mesmo título, para averiguar de que modo a imprensa lidou com momentos de ambos. No total, foram 15 dias de competição da modalidade.

Durante a primeira fase do campeonato, as atletas da seleção feminina tiveram bons resultados, emendando duas vitórias e um empate, e o masculino obteve dois empates e uma vitória. Na segunda semana de competição os homens, passaram por todas as fases no tempo regulamentar, ou seja, nos noventa minutos de jogo, exceto a final contra a Alemanha. Porém, o time feminino levou dois dos três jogos da segunda fase - os das quartas de final e semifinal - para as penalidades, apenas a disputa de terceiro lugar foi no tempo regulamentar onde sofreram com uma derrota de dois a um.

O veículo UOL é um grande portal de notícias nacionais e foi escolhido por manter a sua página com as matérias publicadas durante o evento esportivo em uma aba a parte, facilitando o acesso para a nossa pesquisa.

Sendo assim, selecionamos algumas manchetes, do site UOL Esporte, que possuíam temas relacionados, como casos de empates, vitórias, derrotas e lesões, tendo como personagens os jogadores o Neymar, pelo masculino, e Cristiane, pelo feminino. Em nossa pesquisa será analisado os modalizadores utilizados nestas manchetes

Ao todo foram mais de 400 matérias encontradas, onde foram divididas nos seguintes temas: vitórias de goleada, lesões, empates e derrotas. As análises serão definidas através de marcas específicas, como o uso dos modalizadores, como pode ser notado nas seguintes manchetes: onde o masculino ganhou por 2 x 0 e o feminino empatou no tempo regulamentar e foi ganhou nos pênaltis por 7 x 6 (Brasil supera Colômbia em jogo violento e avança à semifinal do futebol masculino/ Brasil bate Austrália nos pênaltis e avança à semifinal do futebol feminino), onde utilizam o modalizador de concessão, mostrando que o masculino 'supera' no resultado de jogo, dando o sentido de positivo e o feminino utiliza o verbo 'bate', tendo o sentido negativo.

4.2 A modalização no título de notícias

O título da notícia é a primeira informação que o jornal, tanto impresso quanto *online*, traz sobre o tema a ser tratado e deve ser atrativo para que o leitor prossiga com a leitura. O título, para Guimarães (1990, p. 50), é "um fator estratégico da

articulação do texto, podendo desempenhar função factual e de chamada, como função poética e expressiva”.

Decidimos, em vista das possibilidades textuais que se podem produzir nesse espaço, analisar discurso jornalístico por meio das manchetes do site UOL, durante as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016, observando os elementos linguísticos que as compõem, pois é possível perceber que apesar de terem a mesma finalidade, como no caso de vitórias ou derrotas, as abordagens são distintas de acordo com o gênero, fazendo com que o leitor tenha entendimentos diversos.

Segundo os autores Gouvêa, Pauliukonis e Monnerat (2016,s/p):

Os modos de organização do discurso são concebidos por Charaudeau e Maingueneau (2004: 337) como “um conjunto de procedimentos da *mise en scène*⁷ do ato de comunicação que correspondem a certas finalidades: descrever, narrar, argumentar...”. Deve-se compreender, porém, que os textos são construídos normalmente por mais de um modo de organização, sendo um deles predominante. É o caso dos gêneros “notícia” e “sentença judicial”, que se constroem pela combinação dos modos narrativo, descritivo e argumentativo, entretanto predomina, no primeiro, o modo narrativo e, no segundo, o modo argumentativo.

Observa-se que os modalizadores podem ser subdivididos entre modais discursivo subjetivos e intersubjetivos. A diferença entre si são: quando os modalizadores expressam o lado emocional do locutor para seu interlocutor, será posicionado sempre diante de uma sentença conforme cita Salgado (2012, p. 168): “Eu sinto X diante de você devido a [sentença]”, demonstrando que os escopos desses advérbios são o locutor e o interlocutor do discurso.”

Já para os discursos subjetivos, expressa uma sentença provocativa, ou seja, conforme cita Salgado (2012, p. 168):

Os advérbios orientam-se para dois planos: predicam o locutor e o conteúdo da sentença simultaneamente. Por ser um predicador de terceira ordem, pode ser parafraseado por “eu fico [adjetivo] que [sentença]”, “eu [verbo deadverbial] por [sentença]”, “é (um) [substantivo deadverbial] que [sentença]”.

Tais elementos linguísticos fazem com que haja um cuidado nas declarações proferidas, que se manifestam por meio de seus argumentos e, dessa forma, sejam bem recebidas pelo seu interlocutor. Segundo Corbari (2008) a argumentação é

⁷ *Mise en scène* é uma expressão francesa que está relacionada com encenação ou o posicionamento de uma cena. O *mise en scène* também está relacionado com a direção ou produção de um filme ou peça de teatro.

apresentada de forma velada podendo ser instauradas por meio de modalizadores.

E complementa

É pertinente o entendimento de que quanto mais explicitamente argumentativo for um texto, mais propenso ao aparecimento da modalização linguística, ele se torna. Um artigo de divulgação científica, tende ao objetivismo, tende também a mascarar o produtor, e assim, suprimir as marcas de modalização linguística. Já o artigo de opinião se apresenta como um espaço propício para o aparecimento da modalização, uma vez que se configura como gênero explicitamente marcado como argumentativo, tendo como uma de suas categorias definidoras a defesa de um ponto de vista sobre temas da atualidade, conforme já se explicitou. Em outras palavras, o produtor faz um recorte da realidade e apresenta o assunto tratado a partir de uma perspectiva subjetiva (Corbari (2008, p.56-57)

Segundo os autores Gouvêa, Pauliukonis e Monnerat (2016,s/p), a notícia é demarcada pela enunciação do sujeito, cujos textos podem ter orientações distintas, ou seja, essa distinção pode não ser conivente com os textos informativos e sim na maneira que é entendida pelo público leitor.

4.3 Modalizadores

Ingedore Koch (2002) avalia que durante a estruturação do discurso o locutor é capaz de manifestar suas intenções e atitudes por meio de estratégias argumentativas, dentre as quais: a modalização. Para Castilho; Castilho (1993, p. 217) a modalização é capaz de expressar um julgamento do locutor perante a proposição que ele mesmo faz.

Dentre os modalizadores existem os verbos modais epistêmicos, como por exemplo: “provavelmente” e “possivelmente”, conforme citado por (Castilho e Castilho, 1993). São geralmente considerados “uma expressão da atitude do falante com relação ao que é dito” (NEVES, 2006, p. 65) e, apesar de compartilharem determinados traços semânticos e sintáticos, ao serem empregados em contextos diferentes podem produzir sentidos que, divergem em suas nuances, pois trazem como foco a perspectiva do enunciador e sua intencionalidade. São exemplos de verbos mais: “querer, dever, recomendar, desejar, pretender”, devidamente inseridos no discurso.

Há também algumas opções de modalidades categóricas, conforme explica Grangeiro (2013, p. 14):

A utilização de modalidade envolve uma predileção por modalidades categóricas, asserções positivas e negativas (verbos modais, advérbios, adjetivos, indeterminações, e assim por diante). Trata-se também de uma predileção por modalidades objetivas que permitem que perspectivas parciais sejam universalizadas.

O autor afirma que os modalizadores podem possuir diversos aspectos em um enunciado ou em uma simples oração:

O autor explica, por exemplo, na frase: “Penso que ela estava um pouco bêbada, não estava?” A baixa afinidade é expressa no marcador de modalidade subjetiva (“penso”), na indeterminação (“um pouco”) e na adição de uma pergunta final à asserção (“não estava?”). A questão da modalidade pode ser vista como a de que as pessoas comprometem-se quando fazem declarações, perguntas, pedidos ou ofertas. Existem maneiras diferentes de fazer cada uma delas e de assumir compromissos diferentes.

Os modalizadores são divididos em três categorias: a epistêmica, em que interliga a crença, conhecimento e verdade; a deôntica, que aborda as condutas e as afetivas que se relacionam com as emoções presentes no discurso (CASTILHO; CASTILHO; 1993).

A modalidade epistêmica é marcada quando o locutor expõe suas atitudes ou posicionamentos para seu interlocutor. Há a utilização de advérbios, indicando a veracidade da fala, permitindo assim uma responsabilidade sobre a proporção chegada.

A modalização epistêmica é marcada pela avaliação do locutor sobre sua proposição, ele pode se expressar de maneira a) assertiva: quando ele considera verdadeira a sua concepção; b) quase-assertiva: quando não se responsabiliza pela veracidade da proposição, sendo este conteúdo hipotético ou quase certo ou c) delimitadora: que cria limites a serem considerados para validação da proposição (CASTILHO; CASTILHO, 1993).

Para Dall’aglio-hattner (1996) *in* Grangeiro (2013, p. 19-20) esta modalidade pode ainda ser dividida entre objetiva e subjetiva:

A modalidade subjetiva epistêmica foi caracterizada em termos do comprometimento do falante com relação à verdade do conteúdo da predicação que ele apresenta para ser considerado. Ao modalizar subjetivamente uma predicação, o falante revela-se como a origem da informação e também como aquele que apresenta um julgamento sobre a informação contida nessa predicação. A modalidade epistêmica subjetiva, portanto, está relacionada à expressão da opinião do falante, às inferências e aos boatos. A modalidade objetiva epistêmica, por sua vez, foi definida como meios linguísticos pelos quais o falante pode avaliar a realidade de um conjunto de estado de coisas em termos de seu conhecimento dos conjuntos possíveis. A modalidade objetiva epistêmica foi caracterizada em

termos da avaliação que o falante faz do estatuto de realidade designado por uma predicação. Para essa avaliação, o falante faz um cotejo pela predicação e pelo conhecimento que ele possui sobre as "situações possíveis"

Esse tipo de modalização depende do grau do conhecimento do falante sobre um determinado assunto, fazendo com que o enunciado se situe no campo da certeza, da possibilidade ou da incerteza (GRANGEIRO, 2013, p.18).

O segundo tipo de modalizador é o deôntico – entendendo-se, na sentença, que os fatos devem ou precisam ocorrer obrigatoriamente. Segundo Salgado (2012, p. 167) “o falante deseja atuar sobre o interlocutor (...) Outra característica é a possibilidade de expressar, além da noção de obrigação, proibição, permissão e volição”. Ou seja, os modalizadores dessa categoria devem ser levados em consideração, sendo que o primeiro recurso linguístico é transparecer o envolvimento entre os ouvintes e os falantes.

A última categoria de modalizadores é denominada de afetiva e está vinculada à verbalização das reações emotivas do falante – excetuando considerações epistêmicas ou deônticas. Uma melhor compreensão pode ser realizada por meio da visualização da tabela a seguir, elaborada por Nascimento (2006) que utiliza o termo ‘avaliativa’ no lugar de ‘afetiva’.

Tabela 1: Tipos de modalização

Modalização	Imprime no enunciado
Epistêmica	Considerações sobre o valor de verdade do seu conteúdo proposicional.
Deôntica	O conteúdo proposicional do enunciado deve ou precisa ocorrer.
Avaliativa	Uma avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, excetuando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica.

Fonte: NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A modalização no gênero notícia jornalística. Revista do Gelne. Vol. 8 - Nos. 1/2 - 2006

Outro tipo de recurso modalizador é a polifonia. Ducrot (1988) traz o conceito para a área da linguística e atenta para que a manifestação do enunciado pode ser realizada por mais de uma voz. Ou seja, o autor do discurso coloca outros personagens em sua fala, podendo estes serem enunciadores⁸ ou locutores. A

⁸ Pontos de vista diferentes

própria língua propicia este tipo de recurso por meio, por exemplo, de paráfrases, negação, dentre outros.

O discurso polifônico pode ser inserido por meio do uso de forma direta ou indireta. Há uma distinção entre os discursos produzidos, assumindo, assim, uma superfície textual, conforme cita Cunha (2015, p. 166)

Explicita-se a polifonia direta por meio de verbos de fala (*dicendi*), dois-pontos, travessão e/ou aspas, marcas lexicais e tipográficas cuja função é explicitar a fronteira entre duas enunciações, a produzida e a representada. O discurso direto implícito – ou discurso direto livre, na terminologia de Maingueneau (2008) – se caracteriza pela ausência dessas marcas e, conseqüentemente, da indicação da fonte do discurso representado. Já o discurso indireto se torna explícito ao ser integrado sintaticamente como objeto direto de um verbo de fala e ao ter modificados os eventuais elementos dêiticos de lugar, tempo e pessoa da enunciação representada. Por sua vez, o discurso indireto implícito, tradicionalmente denominado discurso indireto livre, não se limita a prescindir das marcas tradicionais do discurso indireto.

Os chamados ‘verbos *discendi*’ exercem a função de modalizadores. Travaglia (2003) divide estes verbos em três funções distintas:

- a) Introduzir falas
- b) Dizer o tipo de fala que se produz
- c) Instituir perspectivas em que se deve tomar a fala

Nascimento (2006) dá um exemplo que ilustra bem essa questão: “Ciro, por sua vez, acusou Serra de **não ter apoiado o Plano Real**. O senador retrucou que **defendera tanto o Real que se tornara o candidato do principal responsável pelo plano, o presidente Fernando Henrique Cardoso**”. (Folha de São Paulo, 05.08.2003)

O autor esclarece que

No exemplo acima, o verbo “acusar”, além de introduzir o discurso de um segundo locutor (L2=Ciro Gomes), deixa claro que o locutor responsável pelo discurso (L1=jornalista) quer que o discurso de L2 seja lido como uma acusação. Logo, L1 direciona o olhar do leitor para o discurso de L2, ou seja, modaliza e direciona o discurso de L2. Aqui ocorre, portanto, um fenômeno discursivo bastante peculiar. Temos um discurso polifônico em que L1 coloca em cena o discurso de um L2, sendo uma polifonia de locutores, e, ao trazer o discurso do segundo locutor, L1 modaliza esse discurso, indicando como deve ser lido. (NASCIMENTO, 2006, p.79)

Os ‘verbos *discendi*’ modalizadores além de inserirem a fala, geram avaliação e direção do discurso, segundo o locutor que introduz esta fala. Já os ‘verbos *discendi*’ não-modalizadores são os que apresentam o discurso de outrem sem

deixar marcas de avaliação do locutor que o apresenta. São exemplos: dizer, falar, perguntar, concluir (NASCIMENTO, 2006).

Há também o operador argumentativo, que pode ser apenas relacionais em seus níveis linguísticos. Segundo Vogt *in* Campos (2015, p. 38):

Os operadores argumentativos correspondem a marcadores de subjetividade, com a função de orientar a sequência discursiva de um enunciado, levando o interlocutor à determinada conclusão, e seu estudo deverá indicar o propósito dos falantes na elaboração do discurso e na sua estruturação enquanto texto. Assim, os operadores resgatam elementos da gramática, pois eles não só são responsáveis pela coesão do texto, mas também apresentam uma carga retórica própria, colaborando para que surjam os efeitos de sentido propiciados pelo contexto.

Campos (2015) explica que existem alguns elementos que fazem parte de outras classes gramaticais, como a conjunção, preposição, advérbio dentre outros que podem ser categorizados em operadores argumentativos. Ducrot (1976) dividiu os operadores em dois grupos, que são: a classe argumentativa e a escala argumentativa. Segundo o ele, a classe argumentativa é composta por um conjunto de argumentos, apontando a uma conclusão com as palavras “e, também, ainda, tanto como” dentre outras, que possuem o mesmo peso diante das argumentações. A escala argumentativa não aponta a uma conclusão, como pode ser observado diante da utilização das palavras “contudo, embora, apesar de” dentre outras palavras.

Os operadores argumentativos também são conhecidos como conectivos, que têm a finalidade de conectar orações e orientar a sequência discursiva, levando o interlocutor a chegar a determinada conclusão. Moura (2008) classifica os operadores argumentativos da forma como apresentada na Tabela 2:

Tipos	Descrição	Exemplos
Aditivos	Aqueles que exprimem adição e correlação	E, bem, nem...nem, não só... mas também, tampouco (=também não)
Adversativos	Aqueles que exprimem contraste oposição, compensação	Mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto
Alternativos	Aqueles que exprimem conclusão, consequência	Ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer... quer, seja...seja
Conclusivos	Aqueles que exprimem conclusão	Logo, pois, portanto, por conseguinte, assim, então
Explicativos	Aqueles que exprimem	Pois, que, porque,

	explicação, esclarecimento	porquanto (se que, porque porquanto tiverem valor subordinativo, passam a ser conectivos causais)
Comparativos	Aqueles que exprimem comparação	Com, mais... (do) que, menos (do) que, tão... como, tanto... quanto, assim como
Concessivos	Aqueles que exprimem concessão, oposição	Embora, conquanto, malgrado, não obstante, ainda que, mesmo que, se bem que, apesar de que, por pior que, apesar de que, a despeito de, em que pese a, apesar disso
Condicionais	Aqueles que exprimem condição	Se, caso, sem que, se não, a não ser que, exceto se, a menos, contanto que, salvo se
Consecutivos	Aqueles que exprimem consequência	De sorte que, de modo que, de maneira que, tão (tanto, tamanho, tal) ... que
Finais	Aqueles que exprimem finalidade	Para, para que, a fim de que, que (=para que), de modo que, de forma que, de sorte que, porque
Proporcionais	Aqueles que exprimem proporção	A proporção, à medida que, quanto mais... tanto mais, ao passo que
Temporais	Aqueles que exprimem tempo	Quanto, enquanto, assim que, logo que, desde que, até que, mal, depois que, eis que

Fonte: MOURA, F. Nas linhas e entrelinhas. Brasília: Vestcon, 2008. p. 125-126

4.4 Análise das manchetes

A proposta desta pesquisa é analisar as manchetes veiculadas sobre a modalidade futebol durante as Olimpíadas ocorridas no Rio de Janeiro em 2016, observando a forma como ela foi construída, analisando os modalizadores usados e qual o valor semântico eles acrescentam nas interpretações dessas mesmas notícias. A partir dessa etapa, será analisado como os modalizadores os verbos modais, os verbos *dicendi* e os operadores argumentativos aparecem nos títulos selecionados. A pesquisa se apoiou nas hipóteses levantadas no artigo '*Modalização em textos midiáticos: estratégias de construção de sentido*' dos autores Lúcia Helena Martins Gouvêa, Maria Aparecida Lino Pauliukonis e Rosane Mauro Monnerat (2016) que são:

- a) os gêneros “notícia” e “reportagem” não seriam neutros;
- b) o processo informativo, assim como o opinativo, apresentaria variadas marcas de subjetividade;
- c) a subjetividade no discurso informativo seria observada por meio da modalidade delocutiva e suas variantes;
- d) os operadores argumentativos seriam as marcas linguísticas de modalização mais recorrentes nas notícias e nas reportagens

O início da etapa de seleção de notícias contou com o levantamento de mais de 400 matérias que foram veiculadas pelo portal de notícias UOL sobre as modalidades de futebol feminino e masculino. Uma triagem foi realizada a fim de delimitar situações semelhantes relacionadas a ambos times, para uma averiguação quanto às estratégias argumentativas utilizadas para tratarem de um mesmo tema, sendo somente o personagem diferente, com o intuito de verificar se há, de fato, diferenças nas abordagens por questões de gênero.

Para isso, os temas selecionados foram: empates, derrotas, lesões e goleadas. Duas notícias sobre cada tema deste foram escolhidas, sendo: uma da seleção feminina e uma da seleção masculina. Ao todo, portanto, oito títulos foram interpretados mediante o referencial exposto nesta pesquisa, quanto aos verbos modalizadores, os operadores argumentativos e a utilização dos verbos '*dicendi*'.

As duas primeiras notícias tratam dos jogos das semifinais (Figura 2 e 3).

Figura 2: notícia da seleção masculina

© 13.08.2016 23h53

Brasil vence Colômbia em jogo violento e fica a um passo da final olímpica

Fonte: Portal de notícias UOL.

Brasil é substantivo próprio. O título utiliza os substantivos próprios Brasil e Colômbia para se referir às seleções masculinas de futebol dos respectivos países, o que denota a valorizações dessas seleções. Também chama atenção para a utilização da modalização epistêmica em dois momentos na manchete: “em jogo” a fim de ilustrar que ocorreram momentos violentos que ocorreram durante o jogo e “e fica a um passo da final Olímpica”, mostrando que o seu objetivo, que é a conquista do ouro, está perto. Há também a presença do operador argumentativo ‘e’ mostrando a conclusão do fato.

A matéria a seguir foi veiculada sobre a seleção feminina também após jogo de semifinal do campeonato.

© 16.08.2016 15h48

Suécia vence o Brasil nos pênaltis e põe fim ao sonho do ouro inédito

Fonte:

Portal de notícias UOL.

O título igualmente utiliza o ‘Brasil’ trazendo uma valorização da seleção em relação a sua nação. Entretanto, é possível perceber que ‘põe fim’ é um modalizador descritivo. O uso do ‘e’ configura a utilização de um operador argumentativo de causa e consequência – a vitória pôs fim ao sonho do ouro brasileiro.

O segundo tema selecionado para análise é o referente a bons resultados dos times, com conquistas oriundas de goleadas, conforme é mostrado nas figuras 3 e 4.

Figura 3: notícia da seleção feminina

© 07.08.2016 00h27

Marta comemora goleada sobre amigas suecas: "Desafio é manter até o fim"

Fonte: Portal de notícias UOL.

É perceptível que o título valoriza o nome Marta – conotando a importância da atleta, que, no contexto, representa a seleção feminina. Percebe que os jornalistas utilizaram da informação que Marta jogou por alguns anos na Suécia para mostrar sua amizade com o time rival⁹. Cabe destacar que esta partida foi vencida pela seleção brasileira por um placar de 5 a 0.

Observa-se a utilização do modal deôntico “até o fim”, mostrando que as atletas ainda estão em busca de seu objetivo, que é a conquista da medalha olímpica.

Outra observação quanto a modalização, pode ser observada no uso do verbo *discendi* ‘**comemora**’, que mediante referencial teórico já realizado nesta pesquisa, demonstra a introdução de uma fala com uma avaliação do enunciador sobre o sentimento da equipe brasileira.

A utilização das aspas, nesse título, também caracteriza uma polifonia direta, pois introduz a fala de Marta o fato.

Figura 4: notícia da seleção feminina

© 17.08.2016 14h51

Apoteose no Maracanã: Brasil faz 6 em Honduras e fica a um passo do ouro

Fonte: Portal de notícias UOL.

Para a divulgação da matéria sobre a goleada masculina, o jornalista inicia o título com o termo “Apoteose no Maracanã” mostra que o ambiente todo vibrou com o momento, utilizando a figura de linguagem hipérbole. Mais uma vez é possível verificar a utilização da palavra Brasil como um modo de valorização da equipe. Nota-se a presença ‘e’ fazendo com que tenha uma adição de ideia, que é a busca pelo ouro.

⁹ Inserir aqui onde a Marta jogou na Suécia e durante quanto tempo.

Cabe ponderar aqui, que as notícias sobre as seleções masculina e feminina de futebol se diferem quanto à valorização dos respectivos times, afinal, pela diferença de apenas um gol (5 a 0 na partida feminina e 6 a 0 na partida masculina), a seleção feminina foi resumida à Marta e a masculina gerou uma apoteose.

A próxima temática trata de lesões sofridas por atletas de ambas as seleções.

Figura 5: notícia da seleção masculina

11.08.2016 18h29

Neymar faz fisioterapia após entorse e tem presença confirmada em decisão

Fonte: Portal de notícias UOL.

No título percebe-se que mesmo com uma lesão, a prática da fisioterapia por Neymar é minimizada, sugerindo que o atleta é tão eficiente que antes mesmo de iniciar as sessões para sua recuperação, já está confirmado para a próxima partida.

Há a modalização deôntica “em decisão” mostrando a preparação do atleta diante do confronto. O ‘e’ é utilizado como operador argumentativo de adição, trazendo a correlação entre a prática da fisioterapia e atuação do atleta na próxima partida.

Figura 6: notícia da seleção feminina

10.08.2016 00h44

Cristiane promete "fisioterapia até de madrugada" para enfrentar Austrália

Fonte:

Portal de notícias UOL.

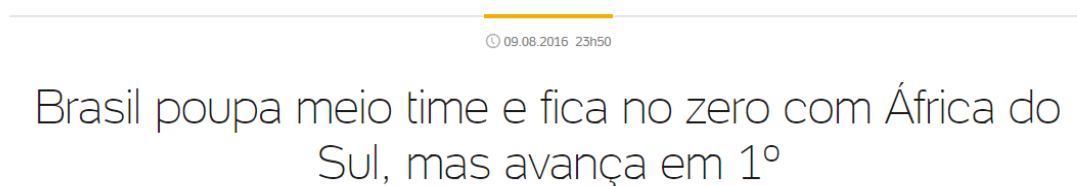
Comparando com a matéria sobre a lesão do Neymar, percebe-se uma divergência de tratamento ao se referir aos atletas, pois Cristiane “promete”, observa-se a modalização afetiva subjetiva, mostrando que a atleta tem que prometer para que esteja a disposição do técnico próxima partida.

O “até de madrugada” é uma modalização temporal. Na manchete há o uso das aspas, que introduz a voz da atleta Cristiane, marcando a polifonia direta. O

‘para’ é um operador argumentativo que indica finalidade, explicitando que a atleta fará a fisioterapia ‘até de madrugada’ com a finalidade de atuar no jogo contra a Austrália.

A última temática a ser analisada nesta pesquisa aborda os empates sofridos por ambas as seleções.

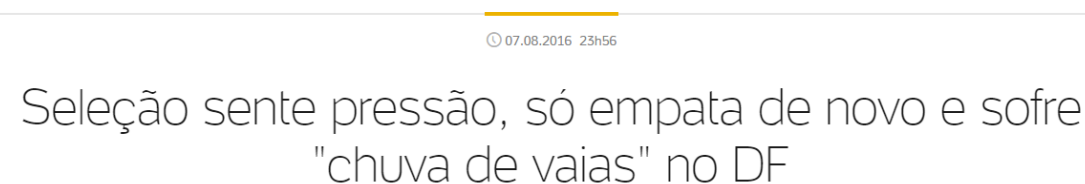
Figura 7: notícia da seleção feminina



Fonte: Portal de notícias UOL.

Conforme citado anteriormente, observamos a valorização do time diante da sua nação. Na manchete podemos observar que apesar a seleção ter poupado o time, garantiu o primeiro lugar, nota-se a utilização do operador ‘mas’ em forma de contradição, pois apesar do empate, a seleção se classifica em primeiro lugar do grupo.

Figura 8: notícia da seleção feminina



Fonte: Portal de notícias UOL.

O uso da palavra ‘seleção’ reduz a interpretação para ‘um time’ e o título, ainda, destaca a utilização do modal epistêmico “só empata”, podendo ser compreendido que o resultado não pode ser aceitável. Ele ainda complementa que uma “chuva de vaias” foi proferida, mostrando a insatisfação do público presente no estádio. Novamente há a presença do operador ‘e’ a fim de concluir o fato citado.

A título de contextualização, este foi o segundo jogo da seleção na competição – contra o Iraque. Anteriormente, em sua primeira partida, a seleção também empatou contra a África do Sul – ambas equipes consideradas fracas no cenário mundial da modalidade.

5. Conclusão

O tema escolhido possibilitou uma análise sobre as diferentes abordagens nas manchetes do Portal 'UOL Notícias' relacionada aos gêneros de futebol, durante o período das Olimpíadas realizadas no Rio de Janeiro, em 2016. A seleção de títulos pertencentes aos mesmos temas foi essencial para conseguirmos visualizar de que modo o portal utilizou recursos argumentativos para construir a narrativa das notícias.

Tal pesquisa demonstra-se relevante ao meio acadêmico, por observar que a modalidade masculina é mais popular que a feminina diante da sociedade e além disso, é possível pontuar depois da análise realizada, que a mídia pode ter uma parcela considerável de responsabilidade para com este contexto, na medida em que engrandece a seleção masculina em suas publicações, enquanto a seleção feminina geralmente é reduzida a atleta que possui maior visibilidade em cenário nacional: Marta.

Os objetivos deste trabalho foram alcançados por meio da revisão bibliográfica e análise dos modalizadores discursivos utilizados pelo portal de notícias UOL. Foram identificados modalizadores: deônticos e afetivo, polifonia direta e a utilização de verbos *discendi*. Estes recursos foram capazes de auxiliar na verificação da diferença de abordagem e tratamento que o portal em questão dá as notícias relacionadas às seleções feminina e masculina.

O que se demonstrou evidente foi o posicionamento da seleção masculina bastante atrelada à palavra 'Brasil', o que gera uma conotação de nação Das X matérias analisadas, Y utilizaram este recurso. A seleção feminina, entretanto, é tratada como um time, de fato, e resumida visivelmente à jogadora Marta. Além disso, quando ambas as seleções obtiveram resultados consideravelmente positivos (com goleadas em jogos), a seleção masculina gerou uma 'apoteose' que é sinônimo de 'glorificação', 'exaltação' enquanto a seleção feminina ficou com o título de 'goleada' e novamente a angulação do título se direcionou à Marta. No que tange as matérias analisadas sobre lesões que ocorreram com atletas de ambas as seleções, a jogadora ganha espaço no jornal com aspas de que "promete",

demonstrando um comprometimento efetivo, retornar aos gramados, enquanto o camisa 10 da seleção masculina tem uma abordagem banalizada e já estaria pronto para a partida seguinte.

Mediante esta exposição é possível afirmar que a hipótese deste trabalho foi confirmada, uma vez que as estratégias argumentativas verificadas nas notícias selecionadas demonstrou uma valorização da equipe masculina e não da equipe feminina. Cabe destacar que as notícias selecionadas não se relacionaram diretamente a questões de tratamento de gênero, como a valorização da beleza ou estética das mulheres e de atributos de força e desempenho masculino. Entretanto, a partir da seleção de temas que permeiam os ambientes esportivos profissionais femininos e masculinos foi possível verificar que mesmo quando o assunto é basicamente o mesmo, a seleção masculina ganha uma abordagem mais valorativa, o que não ocorre com a seleção feminina.

Considerando a escassez de trabalhos sobre o tema futebol feminino, como a história da modalidade no Brasil ou fazer análise sobre a modalidade, observou-se poucas demandas que pudessem auxiliar no trabalho, mas com a crescente do interesse na modalidade pós- Copa do Mundo da França em 2019, a tendência é de aumentar estudos sobre a área e como consequência enriquecer os meios acadêmicos.

6.REFERÊNCIAS

ANDÚJAR, Clara Sainz de Baranda. **Orígenes de la prensa diária deportiva: El Mundo Deportivo**. Artigo acadêmico. Universidad Carlos III de Madrid. Materiales para La Historia del Desporte, N° 11. Madrid, Espanha. 21p. Ano 2013.

ALMEIDA, José Maria Fernandes. Breve história da Internet. Museu Virtual de Informática - <http://www.dsi.uminho.pt/museuv> Universidade do Minho. Departamento de Sistemas de Informação. Outubro de 2005

BASTOS, Helder. A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 9, n. 2, p. 284-298, 2012.

BARBEIRO, H; RANGEL, P. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2013.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica** - História da Imprensa Brasileira. São Paulo: Ática, 1990

BECKER, Beatriz. Jornalismo audiovisual de qualidade: um conceito em construção. **Estudos em Jornalismo e mídia**, v. 6, n. 2, p. 95-111, 2009.

BRADSHAW, Paul. **Instantaneidade: Efeito da rede, jornalista mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição**. **Webjornalismo**, v. 7, p. 111-136, 2014

BOSCHILIA, Bruno; VLASTUIN, Juliana; MARCHI JR, Wanderley. **Implicações da espetacularização do esporte na atuação dos árbitros de futebol**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 30, n. 1, 2008

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro, RJ. Editora Bertrand Brasil. Ano 2005.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. In: _____. **A sociedade em rede**. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. v.1.

CASTELLS, Manuel et al. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: considerações gerais sobre jornalismo na web**. 2001.

CAYGILL, Howard. MENO E A INTERNET: entre a memória e o arquivo. **Estudos de Sociologia**, v. 1, n. 12, p. 39-52.

COMASSETTO, Leandro Ramires. **As razões do título e do lead: uma abordagem cognitiva da estrutura da notícia**. 2001. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/80216/180597.pdf?sequence=1>> Acesso em 27 de Setembro de 2019

CORBARI, Alcione Tereza. Modalizadores: a negociação em artigo de opinião. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 16, n. 1, p. 117-131, 2017.

COSTA, M. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). **SILVA, FCT da; SANTOS, RP dos. Memória Social dos Esportes**. Rio de Janeiro: Mauad, v. 2, p. 107-132, 2006.

CITELLI, Adilson. E PERSUASÃO. **São Paulo: Ed. Ática**, 2001

CUNHA, Gustavo Ximenes. A multiplicidade de vozes no discurso jornalístico: estudo da polifonia no Jornalismo à luz de uma perspectiva modular da organização do discurso. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 38, n. 2, p. 159-183, 2015.

DALL'AGLIO-HATTNER, Marize Mattos. Uma modalidade funcional da modalidade epistêmica. São Paulo: Alfa, 1996.

DANTAS, Monique de Andrade. **Mulheres no jornalismo esportivo**. 2016. 107 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

DA ROCHA REGES, Thiara Luiza. Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais.

DE OLIVEIRA, Alex Fernandes. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **RBFF- Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 4, n. 13, 2012.

DEL PRIORE, M., 2000. **Corpo a Corpo com a Mulher: Uma Pequena História das Transformações do Corpo Feminino no Brasil**. São Paulo: Editora Senac.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003. Coleção Comunicação

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. Ática, 1998.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOUVÊA, Lúcia Helena Martins; PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; MONNERAT, Rosane Santos Mauro. Modalização em textos midiáticos: estratégias de construção de sentido. **Revista latinoamericana de estudios del discurso**, v. 13, n. 2, p. 41-62, 2016.

GRANGEIRO, Jaqueline da Silva. A modalização como mecanismo linguístico persuasivo nas capas de Veja. 2013.

GURGEL, Anderson. Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos. **Motrivivência**, n. 32-33, p. 193-210, 2009.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto, 2013.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (2002). *Argumentação e Linguagem*. 7 ed. São Paulo: Cortez.

LEANDRO, Paulo Roberto. **Jornalismo Esportivo como especialização capaz de ampliar a autonomia em relação a fontes interessantes em desenvolver carreira política**. Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). p.65-74. Salvador, Bahia. 10p. Ano 2005.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**, São Paulo: Editora 34, 1999.

MALATIAN, Teresa. The Italian press in São Paulo and the fascism: the Fanfulla (1921-1942). **História (São Paulo)**, v. 34, n. 1, p. 195-215, 2015.

MARTINS, Leonardo Tavares; MORAES, Laura. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. Pensar a Prática**, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda**. 2 ed . São Paulo: Summus Editorial, 1988.

MESSINA in Pequeno manual da reportagem esportiva. P.85-109. RIO DE JANEIRO (cidade). Secretaria Especial de Comunicação Social. **Jornalismo Esportivo: os craques da emoção**. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2008.p.: Cadernos de Comunicação. Série Estudos, v.11.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM. Lisboa, 2001.

MIELNICZUK, Luciana. Webjornalismo de Terceira Geração: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. In: **NP02-Jornalismo, CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM)**. 2004.

MIELNICZUK, Luciana. A Pirâmide Invertida na época do Webjornalismo: tema para debate. In: **Artigo apresentado ao Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, no XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação–Intercom**. 2002.

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, informações e memória. **Comunicação apresentada nas jornadas de Jornalismo Online**. Porto: Universidade de Beira Interior, 2002.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O Jornalista Sentado e a Produção da Notícia on-line no Correio Web. Em Questão**, v. 10, n. 1, p. 95-108, 2004.

PRADO, Magaly. Webjornalismo. Rio de Janeiro, LTC, 2011

PRIMO, Alex. Interação Mútua e Interação Reativa: Uma proposta de Estudo. Trabalho apresentado no XXI Congresso da Intercom em setembro de 1998. Recife,

PE. Disponível em <http://usr.psico.ufrgs.br/~aprimo/pb/inter.htm>. Acesso em 06/01/2005

PRIORE, M. **Corpo a corpo com a mulher: pequenas histórias das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000

REGES, Thiara Luiza da Rocha. **Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais**. 2011.

SANTI, Vilso Junior Chierentin O processo de apuração no Webjornalismo

SODRÉ, Muniz. **A Narração do Fato – notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos**. 2009.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **Sobre midiaticização, mediação, poder e jornalismo**. In BOCC - Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, v. 1, p. 1-9, 2006.

STERKENBURG, J. e KNOPPERS, A. **Dominant discourses about race/ethnicity and gender in sport practice and performance**. International Review for the Sociology of Sport, London, v. 39, n. 3, p. 301-321, 2004

STYCER, Maurício. **História do Lance! – Projeto e Prática do Jornalismo Esportivo**. Editora Alameda. São Paulo, SP. Ano 2009.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

Sites Acessados:

Disponível em: <https://trivela.com.br/como-o-profissionalismo-ajudou-tornar-o-fla-flu-tao-grandioso/> . Acesso em 11 de Maio de 2019.